

APRESENTAÇÃO

LER BÍBLIA E TEOLOGIA

Ler é uma forma de ouvir e uma forma de dizer. A primeira acepção baseia-se no ato aprendido de reconhecer o pensamento ou mensagem de alguém codificado em sinais, seja na forma de texto, gestos, mímica, sons ou representação artística, todos sentidos que se destacam da gama variada de significados etimológicos do latim *lego, is*. Por se referir ao pensamento de alguém, que se pode conhecer e reconhecer num texto, a leitura tem o momento de passividade ativa do ouvir e receber, considerando os vestígios deixados por outrem. Há um deixar-se atingir, uma paixão ou um sofrer que atingem a alguém e o transformam em leitor ou leitora, que é lido ou lida ao ler, ao cair na malha de possível eleito. Sim porque ler implica ter sido eleito como possível leitor ou leitora. Pode-se ser atingido sem querer e contra a vontade, porque fomos tomados ou visados pelo texto.

De outro lado, o ouvir é um momento ativo. Requer uma disposição mínima de atenção ou seleção do que se vai considerar ou não. A decisão de ler, a escolha do texto, a leitura em voz alta e a proclamação na Liturgia mostram o quanto o simples ouvir requer participação do sujeito no texto que lê a ponto de influir em quem escreve. Implica, por exemplo, a capacidade de compreender os signos e sinais usados, e desse modo os significados também sofrem a influência de quem os recebe e não apenas de quem os disponibiliza. É comum, nesse contexto, falar-se num encontro de mundos: o mundo de quem faz o texto, no sentido mais ampliado da palavra, e o mundo de quem o recebe; ou numa “fusão de horizontes” (Gadamer).

Ler se realiza no dizer. Embora seja um sentido não-corrente, pode facilmente ser recuperado na “lição”, na “preleção”, no conceito técnico de “releitura”. Se a intenção de quem escreve é atingir a quem lê com algo a *lhe* dizer, seu movimento intrínseco leva o outro a dizer o que leu. No entanto, ao dizer, diz a seu modo o que leu: relê o que leu. Lição e

preleção constituem um texto sobre um texto, uma leitura em estado de dizer, traduzindo o momento mais ativo do ler. Nesse sentido, o “ouvinte da Palavra” (Rahner) expressa o sujeito em quem a Palavra se faz carne (cf. *Jo* 1,14) ao passar, em termos cristãos, de uma religião do livro (Judaísmo) a uma religião de pessoa (Jesus de Nazaré).

Ler a Bíblia se tornou, desde o Concílio Vaticano II, o ponto de partida metodológico da Teologia. Para a *Optatam Totius* (n. 16) e a *Dei Verbum* (n. 24) o estudo da Teologia deve iniciar pelo conhecimento da Sagrada Escritura, que é como que a sua alma. A Teologia efetivamente começou como explicação e debate da Tradição cristã das Escrituras e consistia em dizer o que se lia diante de quem colocasse as questões. As fórmulas de fé, cunhadas ao longo dos anos, nada mais queriam ser do que um redizer da Escritura em outros termos, e seu estudo exigia o retorno aos caminhos inspiradores. No entanto, o desenvolvimento da elaboração teológica, em especial ao longo dos séculos mais recentes, reduziu o dizer teológico a uma tendência repetitiva de fórmulas. Foi nesse contexto que se retomou o nexos entre a leitura bíblica a leitura teológica.

Ler Teologia justamente se impõe como tarefa de recuperação do dizer enquanto um novo dizer. A leitura de que aqui se fala não é, conforme já se viu acima, repetição, ou assimilação ou público leitor, mas produção de novos significados e sentidos em novos textos. É a consequência imperativa de um sujeito ouvinte, situado em condições distintas, eventualmente com outras ou mais possibilidades de leitura diante do que o passado lhe legou. É uma reapropriação dos textos principais em forma de Escritura Sagrada, formulação dogmática, celebração litúrgica e ética cristã em diálogo de aprendizagem com os e as ouvintes atuais em sua linguagem e com seu mundo.

O presente número da Revista, consciente da forma de leitura bíblica e teológica pós-conciliar, publica vários artigos no sentido de atender a demanda feita Ciência da Fé. O Prof. Dr. Irineu José Rabuske, tomando como ponto de partida uma análise da parábola relativa de *Lc* 10,29-37, propõe uma reflexão hermenêutica para a expressão “Igreja Samaritana”, especialmente em circulação na Igreja Católica, depois da Conferência de Aparecida. Na mesma direção da Bíblia, o Ms. Jones Talai Mendes, baseado especialmente em Alonso Schökel, aborda o tema da inspiração como ação comunicativa e realidade comunitária.

Do ponto de vista leitura teológica o Prof. Dr. Urbano Zilles, estuda o perfil do Teólogo hoje considerando as situações especiais em que

atualmente se dá o exercício dessa atividade. O Prof. Pedro Alberto Kunrath, retoma o ensinamento da graça ante a realidade do ser humano pecador, sob a perspectiva da relação entre natureza e graça. Em outro artigo, escrito com um estudante, Igor Heidrich da Silveira, e também sob inspiração da Conferência de Aparecida, reflete sobre a índole missionária da Igreja, no Documento respectivo.

Segue um breve ensaio de Thomas Norris, membro da Comissão Teológica Internacional, identificando na globalização uma face da condição relacional do ser humano a partir de Jesus Cristo. Duas resenhas e uma resenha de obras de Cristologia concluem o presente número.

Deve registrar-se o agradecimento a quantos enviaram suas contribuições, ao Prof. Dr. Cléber E. dos Santos Dias, pelo índice sistemático do ano de 2007, ao Prof. Ullmann, pela revisão, à secretaria da Faculdade e à Editora, por todo apoio técnico e logístico.

Érico João Hammes